

NOSSA SENHORA DO BARRACO



Nossa Senhora do Barraco

Gabriela Cabezón Cámara

*traduzido por
Silvia Massimini Felix*



Para Ana, meu amor
Para Karina, Lola, Lautaro e Amparo



1.

Qüity: “Tudo o que is born morre”

Pura matéria enlouquecida do acaso: isso, pensava eu, é a vida. Fiquei meio aforística lá na ilha, quase pelada, sem nenhuma de minhas coisas, nem mesmo um computador, só um tantico de dinheiro e os cartões de crédito que eu não podia usar enquanto estivéssemos na Argentina. Meus pensamentos eram coisas podres: paus, garrafas, sargaços, camisinhas usadas, madeira das docas, bonecas sem cabeça, o reflexo da colagem de detritos que a maré deixa amontoados quando baixa depois de subir muito. Náufraga eu me sentia, e pensei até que havia me salvado de um naufrágio. Agora sei que ninguém se salva de um naufrágio. Aqueles que afundam estão mortos, e os que se salvam vivem se afogando.

Passamos o inverno inteiro ali, enfiadas nas brumas das ilhas do Paraná enquanto o rio ia e vinha. Quase nem conversamos. Para mim, era como se a dor me fundisse às coisas e me afastasse de tudo. Flutuei alheia ao que me sustentava: os aromas da cozinha e o calor da salamandra, as coisas de Cleópatra, que exerceu todos os seus talentos à sombra da cabeça de Nossa Senhora, ignorando meu estupor em relação à indiferença da vida e da morte, da matéria que dissipa os mundos e as criaturas em suas próprias aventuras. Permaneci encolhida sobre mim mesma em posição fetal, igual à que se fazia em mim e apesar de mim: meu ventre estava vivo daquela filha que crescia em meu interior, mas eu era um cemitério de mor-

tos amados. Eu me sentia como uma pedra, um acidente, um estado da matéria, uma rocha consciente de que será fundida e solidificada e transformada em outra coisa, e me doía ter essa consciência. Não pesquisei o assunto, mas com certeza não existe uma rocha igual a outra. Ou existe sim, caralho: quem poderia comparar todas as pedras de todos os tempos? E não vejo como a dor dessa rocha seria atenuada se soubesse que talvez, algum dia, tenha havido outra igual na imensidão do tempo, que não existe; o que existe é o acontecer da matéria, a inquietude fundamental dos elementos. Que houvesse ou nunca tivesse havido outro acidente idêntico a mim mesma ou a Kevin não me importava nada, e ainda não me importa porra nenhuma, quem disse que a unicidade é evidência de ressurreição? Não vejo por que a natureza deveria ser pensada com um critério fordista: “Não é uma linha de montagem, os produtos não são todos iguais; logo, deus existe”. “Deus não existe”, eu disse a Cleópatra algumas vezes, das poucas que conversamos, quando ela me vinha com o analgésico imaginário de sua psique exuberante: historinhas de Kevin em um paraíso de PlayStations com tela gigante; “Imagina só isso, Qüity, a tela é o mundo, meu amor”, e a Virgem Maria é a mamãe e Deus é o vovô. Porque na cabeça de Cleo estavam, e ainda estão, mais ou menos resolvidas as complexidades filiais da Santíssima Trindade; pelo que ela conta, deus vem a ser o pai de Nossa Senhora. “E de Jesus também, Cleo?”, eu perguntava. “Então não é como se fosse um incesto?” “Ai, querida, como assim *incesto*? Cê tá falando assim que nem fez o Carlos? Que trepava com a filha e engravidou ela, aquele filho da puta, e a gente encheu ele de porrada, mas a pirralha já tava superfodida e bem grávida do mesmo jeito?”, “Sim, Cleo, incesto, ou melhor, como você diz: era um inseto mesmo, uma barata”,

“Qüity, capaz que Deus vai ser como essa porra de paraguaio, por que que cê não para um pouquinho de me encher o saco, hein? Jesus é filho da Virgem Maria sozinha.” Convicta de suas certezas teológicas e de sua capacidade de conceber laços parentais, ela continuava declamando sua parte do diálogo que repetimos quase todos os dias passados na ilha: “Eu tô te dizendo com amor, Qüity, pra que cê também fique sabendo onde é que o Kevin tá, sua tonta: ele tá lá no céu, tá feliz”, “Sim, Cleo, e está comendo biscoitinhos de ambrosia, né?”

A morte me doía: a dele, a minha e a de minha filha que ainda não estava viva em sentido estrito, quero dizer, ela ainda não tinha nascido; tudo me doía: quando se abre a consciência para a morte, ou a morte para a consciência, algo se abisma no centro do ser, se fissa em um nada, e esse nada lacera mais do que a tortura, no sentido de que angustia, sufoca, importuna, e tudo o que se pode desejar é que termine.

Eu sonhava com os mortos, com todos aqueles que morreram e foram enterrados uns em cima dos outros por séculos e milênios até se tornarem parte da crosta terrestre. Mas o que mais me torturava era sonhar com meus mortos que se tornavam rapidamente, graças ao compensado de seus caixões baratos, terra no cemitério de Boulogne. Kevin, Jonás, Jéssica, todos se transformando em solo, húmus, pampa úmido, adubo dos cravos e gerânios que adornavam seus túmulos miseráveis.

Milhares de anos depois, quando do mundo de Homero não restam mais do que algumas pedras e umas coluninhas de merda empilhadas para dar contentamento a turistas e arqueólogos, eu sonhava e via Kevin com o mesmo desespero que Odisseu via sua mãe: continua sendo impossível abraçar os mortos, feitos apenas de uma memória que também morre.

Eu sonhava com Kevin. Ele aparecia em qualquer parte de qualquer sonho e nunca era assombroso: eu estava em minha casa e o encontrava, sempre de manhã e sempre na cozinha. Eu tinha visto nas filmagens aquele corpinho desconjuntado pela morte, o sangue fluindo de sua cabeça até que Kevin secou, e depois o sangue também secou. Eu o encontrava na cozinha pela manhã, então, e não me surpreendia: estava esperando por ele, e ninguém se surpreende muito quando o que espera, mesmo contra toda a esperança, chega. Quase com naturalidade eu lhe preparava o leite e escolhia seus biscoitinhos preferidos: dos sortidos em formato de animais, separava todos os elefantes vermelhos para ele, para Kevin, para meu filhinho, pensava eu.

Sua morte tinha terminado por iluminar minha maternidade, eu me tornara mãe dele, que me contava, na cozinha de meus sonhos, o que havia acontecido naqueles dias em que não tínhamos nos visto. E não acontecera nada, Kevin me contava da favela sem mim, como se o que deixara de estar lá não fossem ele e a favela, mas eu. Quero dizer: como se não estivessem todos, ele também, mortos, e a favela desmantelada por tratores, convertida em um ventre de cimento de negócios imobiliários, e ele, Kevin, meu bebê, em um montinho minúsculo de ossos e vermes que se revolviam nas entranhas de uma terra vizinha, logo ali ao lado, no cemitério de Boulogne.

Naquele momento, quando Kevin tentava pegar a caneca, o sonho explodia em estilhaços e me cortava, a dor me dilacerava: ele não podia beber o leite nem comer os biscoitinhos que, no entanto, continuavam fazendo seus olhinhos pretos brilharem como se ainda seguisse com eles, como se aquelas esferas ainda estivessem cheias da vida dele. Não havia passado muito tempo, mas os olhos, acredito, são o que mais rapidamente se

decompõe nos corpos quando deixam de ser corpos e se transformam em outra coisa, tão inexorável e cegamente como uma rocha em lava e um monte de lava em uma ilha e uma ilha em uma pilha de pedaços de pedra. Eu queria pegar sua mãozinha e não conseguia: ela atravessava a caneca que àquela altura do sonho tinha toda a solidez das coisas deste mundo e não se deixava agarrar por fantasmas. Ali morria outra vez para mim o morto que mais me mortificava: nada mais me importava, eu quase perdia os sentidos quando tentava sentá-lo em meu colo para dar-lhe o leite e não conseguia. E no entanto algo me pulsava no regaço e era tão impossível que pulsasse e não vivesse que eu não podia parar de tentar o abraço, como se a impossibilidade fosse um erro de procedimento. Eu tentava mil vezes e não conseguia pegar nada mais além de ar, terminava uma e outra vez abraçando a mim mesma, sozinha, apenas com a companhia das batidas de um coração que não era o meu. Acordava chorando, quase sufocada, e vinha a certeza: Kevin não estava mais ali, estava morto e morrido, desmanchando-se na terra do cemitério; quem sabe, eu pensava, com o tempo, as raízes e a fotossíntese, de alguma maneira ele seria também ar, água, tormenta. Besteira, também poderia ser uma salada ou minhocas para pescar bagres e com certeza ele não era nada, era apenas o que eu podia recordar.

O que pulsava em mim era minha filhinha, e eu segurava o ventre com as mãos para abraçá-la. Muitas vezes eu voltava a dormir e sonhava com ela, minha filha que nascia e era um bebê tão frágil como todos, tão ferido de morte como qualquer um, tão pequena aventura da matéria como qualquer coisa. Mas minha menina se transformava em uma tartaruguinha e eu podia levá-la no bolso e se ela caísse não lhe acontecia nada, só enfiava as patas e a cabeça na carapaça e ficava de

barriga para cima, balançando-se sobre a curvatura de suas costas de minerais até que eu a levantava e a enfiava outra vez em meu bolso.

Sempre me tranquilizou carregar o que é importante bem colado ao corpo, assim carreguei meu revólver por anos e assim continuo levando o dinheiro e algum amuleto, colados ao corpo; e, no entanto, nem carregando María Cleópatra dentro do corpo eu me sentia tranquila com ela, tinha medo de que nascesse morta, um corpinho que se tornava outra coisa, nem sequer solo, um coágulo dentro de mim, e quando eu a sentia se mexer voltava a encontrar um pouco de paz, um pouco de sentido, um pouco de ordem suportável no universo.

Mas outra vez, fatalmente, eu dormia. Nunca soube se foi a gravidez ou o peso dos mortos recentes que me fez dormir quase todas as horas que passamos na ilha, enquanto não sei o que Cleo fazia, suponho que basicamente tudo: ela foi minha mãe e meu pai provedor, me agasalhou e me deu de comer e conseguiu lenha e um televisor e assim vivemos e assim sobrevivi o tempo em que estava desperta porque a vida, quero dizer, esse ser da matéria que sou eu, também tem sua persistência, sua vontade de continuar sendo.

E assim permaneci durante meses, dormindo, olhando pela janela ou escutando os ruídos do delta do Paraná. Escutei o que nunca escutara: o barro se amontoando entre os juncos, as sementes rebentando em raízes, a tensão das árvores contendo as bordas da ilha. E a água, os ruídos profundos das enchentes e os superficiais das vazantes. E escutei o que não poderia ter escutado: o corpo de Kevin estalando em borbulhas podres no combate da água para voltar à água e deixar o pó ao pó.

2.

Qüity: “Tivemos vida novinha”

*Tivemos vida novinha
no american dream
para cantar sem descanso
a Flórida inteirinha*

Durou muito, mas acabou também a névoa. Minha filhinha me despertou, minha naquela manhã como nunca antes e como poucas vezes depois, sapateando cheia de alegria dentro de mim. Comecei a flutuar também eu em uma atmosfera tépida e luminosa; as únicas sombras eram leves e inquietas: as do salgueiro que penteava o vento entre minha janela e o rio.

“Bom dia, Qüity, meu amor”, Cleo começou a aparecer. Bela e falante como é, nunca aparece simplesmente: é sempre ouvida primeiro. Toda lar, chimarrão e medialunas, eu a ouvi, senti seu cheiro e por fim a vi. Ela se jogou em minha cama e me beijou, com toda a língua, um beijo tão demorado que borrou sua maquiagem, deixou cair um cílio postiço e arruinou o penteadinho de Doris Day que havia feito. “A bela adormecida acordou!”, Cleo começou a rir e seus dentes brilharam; ela é pura alegria brilhante e esplêndida e maricona e devota e apaixonada e fala como se estivesse sempre cantando boleros de noiva a caminho do altar. “Vamos lá, minha luz, minha amante, minha esposa, nós três vamos comer no Fondeadero, que eu consegui uma canoa e a gente tem que conversar um pouquinho, nós duas. Cê vai ver, hoje vai ser um dia inesquecível.”

No caminho, à luz do sol que duplicava o rio, as mãos frias de meus mortos, suas falanges esfoladas e a dor que eu não podia deixar de imaginar, a agonia solitária de uma criancinha de cinco anos, me fisgaram. Eu me senti traidora, cometi o pecado dos que sobrevivem: continuei vivendo. Mas não soltei a mão do mortinho. Prometi-lhe vingança com a certeza de que eu o manteria vivo enquanto preparasse as armas. Tive uma dupla gravidez: uma filha viva, sem rosto e sem voz ainda, que crescia; e um filho morto, com uma voz e um rosto que inexoravelmente iam se dissolvendo no nada.

Naquele dia, deixei-me levar pela alegria de estar viva. Nossa menininha dava cambalhotas em mim como um astronauta em uma cápsula antigравitacional e eu acreditei que era seu voto pela vida, pelas cores verdes da flora original na margem da frente e os vermelhos e ocres das árvores importadas deste lado do canal Honda. E pelo rio: “Era eu um rio no anoitecer,/ e suspiravam em mim as árvores/ e a trilha e as matas se apagavam em mim./ Me atravessava um rio, me atravessava um rio!”,¹ recitei para Cleópatra os versos de Juan L. e ela não ficou calada: “Que lindo, Qüity, mas não me vem com esse papo de anoitecer que eu acho que cê não percebeu, mas ainda nem é meio-dia. Cê tem que entender, meu amor, que eles tão lá no céu e a gente tá aqui na terra. Já sei que cê não acredita nisso de céu, e que ruim que cê pensa assim porque ele existe de verdade, mas então, o que com certeza cê não pode discutir comigo é que nós tamos na terra. E se tem céu, como eu sei que tem, cê pode ficar contente. E se não tem, é mais uma ra-

1 “Era yo un río en el anohecer,/ y suspiraban en mí los árboles/ y el sendero y las hierbas se apagaban en mí./ ¡Me atravesaba un río, me atravesaba un río!” (“Fui al río”, de Juan L. Ortiz, do livro *El ángel inclinado*, 1937). [Esta e todas as notas no texto são da tradutora.]

zão pra alegria: vamos aproveitar este momento porque a gente tá viva. Olha, Qüity, olha só que sol. Além disso, querida, a gente vai ser mãe”. “E daí, Cleo?”, consegui interrompê-la, “por isso a gente vai cagar em toda a humanidade?” Cleópatra suspirou: “Ai, não, Qüity, cagar não, mas a nossa filha tem direito de ser feliz e nós duas temos o dever de cuidar dela, antes de tudo. Além disso, a gente pode sim ser egoísta, até a Virgem diz isso: por ela, Jesus trabalhava de carpinteiro e casava com a Maria Madalena, que por mais puta que fosse era melhor que ele trabalhar de messias e casar com uma cruz. Porque o melhor de tudo é que um filho teu viva, por mais que ressuscite se morrer”. “Nisso estamos de acordo, Cleo”, disse a ela, rindo, mas o discurso de Cleópatra não parou por aí: “A Virgem diz que estar vivo é o melhor, que o Aquiles já sabia disso lá no Hades. Quando aquele carinha que demorou dez anos pra voltar pra casa, como era que ele chamava? Ulisseu? Quando ele disse ‘oh, bom dia, rei dos mortos’, o Aquiles respondeu: ‘Nem me vem com essa merda, ilustre Ulisseu: eu preferia ser escravo ou indigente’, um indigente é a mesma coisa que pobre, Qüity, ‘e estar vivo, em vez de reinar sobre os mortos.’”

Minha filhinha já gostava dos discursos da mais queer de suas mães, parecia dançar enquanto a escutávamos. E eu me enchia de perplexidade: como ela podia citar a *Odisseia* quase letra por letra? Não podia tê-la lido em sua pobre vida fodida. De onde caralhos ela tirava coisas como essa? Será que Nossa Senhora existe e tem uma inclinação pelos clássicos e pelas putas pobres?

“Sinta, Cleo, como sua filha está se mexendo.” Cleo abandonou a empanada e o tom profético e acariciou minha barriga. “Oi, princesa, eu sou a tua outra mamãe, a Cleópatra, a que dá

de comer pra vocês duas, a que tá tricotando a tua roupinha. A gente vai embora daqui, minha filha”, Cleo se pôs solene e outra vez falou com um tom de profeta, “a gente vai pra outro país. Cê vai nascer lá, num país com muito sol, palmeiras, um mar verde. A única coisa ruim, isso foi Santa Maria quem me disse, Qüity, é que lá tá cheio de vermes.”² “Ah, não, querida”, falei com firmeza, “pode ir falando para a sua Virgem que para Cuba eu não vou nem fodendo.” “Qüity, ela disse vermes.” “E esses não saem todos de Cuba, querida?” “Sim, mas saem pra ir embora, Qüity, vê se não faz a tonta.”

Foi quando eu soube que viríamos e aqui estamos, em Miami, rodeadas de vermes, como se todos nós que fizemos parte da favela tivéssemos sido condenados, de um modo ou de outro, ao mesmo destino. É claro que os vermes daqui não são os mesmos que os do cemitério de Boulogne: os nossos são humanos, falam que sentem saudades perpétuas de Cuba, estão cheios da grana e trabalham como loucos. Os demais, a maioria dos cubanos de Miami, vivem do subsídio do governo em troca de servir de exemplo vivo de como as revoluções socialistas são péssimas, e tudo que eles fazem é se embriagar, drogar-se e bater em suas mulheres. Mesmo assim, é bem normal vê-las percorrer, toda manhã, a rua Oito procurando seus homens em todos os antros onde caem como árvores abatidas: a partir do sétimo drinque, o rum desce como uma machadada. Começam a perder altura e equilíbrio, esbarram em alguém, tropeçam, gaguejam um esporro, parecem hesitar um instante, caem no chão e se acabou, ficam ali até que alguém os levante. Assim, de espelunca em espelunca, andou também Helena até que o Torito morreu, embora o Torito não fosse verme nem

² Como são conhecidos, na Flórida, os cubanos emigrados do país.

batesse em Helena. Eles foram os únicos dos nossos que fizeram o mesmo trajeto que Cleo e eu: favela-massacre-Miami.

Os vermes seguem Cleo por toda parte, a ela e à cabeça da Nossa Senhora, essa pobre homenagem dos pobres que agora qualificam como relíquia, o pedaço de concreto pintado que também sobreviveu ao massacre e que Cleo carregou por toda a América e por toda a escala social, até chegar ao Norte e à posse de inúmeras contas bancárias.

Mas o caminho foi longo. Naquela manhã luminosa e pobre na qual começamos a pensar só em nós três, fomos comer no Fondeadero vestidas como pudemos: Cleo com a roupa da dona da casa, a diva da televisão que a amadrinhara quando pequena e lhe dera as chaves para que usasse sua mansão às margens do Tigre quando quisesse. Eu vesti uma roupa de homem, sabe-se lá de quem: era a única que me cabia àquela altura da gravidez, que não estava muito avançada, mas já se notava. O metro e noventa de Cleo era demasiado para todos os trapos da rainha da tevê, que tinha cerca de um metro e sessenta, então minha namorada se engalanou com justos, mas legítimos, Versace de rendas e animal print “que não é porque são curtos que mandam a elegância pras cucuias”, jurava ela com muita convicção usando a peruca lisa e loura que a faz parecer uma mistura de Doris Day com pedreiro e que me deixa louca. Foi uma festa esse almoço. Comemos spaghetti à bolonhesa sob o olhar do tataravô imigrante de bigodes engomados fundador do restaurante, aquela bodega de início do século passado, prestes a sermos imigrantes nós também. O iate chegou naquele dia. Tinha sido enviado por Daniel, com vistos e passaportes, e nos levou a Montevideú. Fomos para Miami de avião, é claro. Nossa identidade mudou um pouco: eu acabei sendo Catalina Sánchez Qüit e Cleo

conseguiu realizar um de seus sonhos mais difíceis: ver seu nome estampado nos documentos. Desde então, por fim e para sempre, se chama Cleópatra Lobos. Quando brigamos, às vezes, digo-lhe que ela carrega o lupanar até no sobrenome. Ela já não se ofende “nem um pouco”, diz. “Qüity, meu amor, já aconteceu de um tudo comigo, nada mais me humilha. Muito menos esse ataque de moralismo que te deu desde que a gente chegou aqui em Miami: você, que bem que se embolou comigo vendo ali de pertinho como eu era puta, nem me vem com esse monte de merda agora, coração”. Fomos embora com um pouco de grana, cerca de dez mil dólares que eu tinha economizado e mais uns cinco mil que Daniel nos deu. Como Cleo gosta de recitar, “bufunfa chama bufunfa”, e aqui estamos nós, com muitos dólares, feito aquelas donas ricas do Primeiro Mundo.